

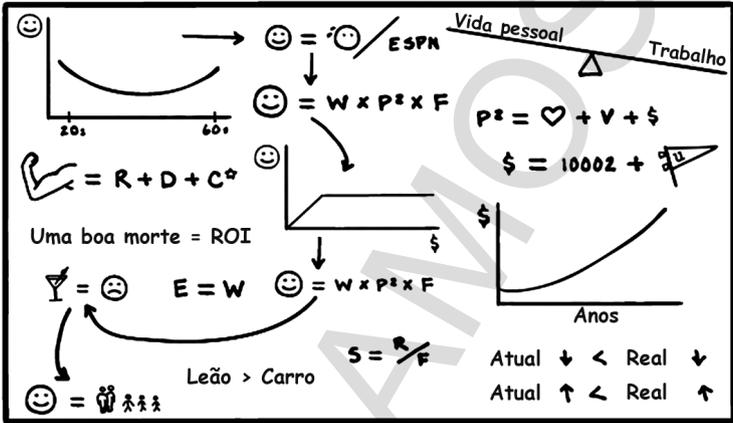
A ÁLGEBRA DA FELICIDADE

CAP. DE ANOS TRA

CAP. DE AMOSTRA

Introdução

CAP. DE AMOSTRA



A Álgebra da Felicidade

Em 2002, me tornei docente da Stern School of Business da Universidade de Nova York (NYU, na sigla em inglês). Mais de cinco mil alunos cursavam minha disciplina de Estratégia de Marca.

Eles formam um grupo notável, integrado por Fuzileiros Navais da Geórgia a consultores de TI de Nova Delhi. Eles estão ali para aprender sobre valor temporal do dinheiro, estratégia e comportamento do consumidor. Mas nosso tempo juntos costuma variar de estratégias de marca a estratégias de vida: Qual carreira devo escolher? Como posso me preparar para o sucesso? Como posso conciliar ambição com crescimento pessoal? O que posso fazer hoje para que não tenha arrependimentos aos 40, 50 ou 80 anos?

Abordamos essas questões na aula mais popular: a última palestra de três horas intitulada “A Álgebra da Felicidade”. Nessa aula estudamos sucesso, amor e a definição de uma vida bem vivida. Em maio de 2018, postamos no

YouTube uma versão resumida. O vídeo foi visto por mais de um milhão de pessoas nos primeiros dez dias. Minha editora me incentivava a escrever uma continuação do *The Four: The Hidden DNA of Amazon, Apple, Facebook, and Google* [sem publicação no Brasil], e, para seu espanto, informei-a que meu segundo livro seria sobre felicidade.

Não tenho credibilidade acadêmica ou referências que indiquem que eu deveria aconselhar as pessoas sobre como viver suas vidas. Fali algumas empresas, divorciei-me aos 34 anos e, recentemente, o investidor de risco mais bem-sucedido da história ligou para os sócios da General Catalyst — meus investidores da L2 — para desencorajá-los (sem brincadeira) a investir na minha empresa com o argumento de que eu era “louco”. Nota: eles investiram mesmo assim e se deram (muito) bem.

Na verdade, você precisaria se esforçar muito para enxergar minha vida como uma estrutura para a felicidade. Cresci como uma criança comum na Califórnia nos anos 1970. Eu era magrelo e estranho, tirava notas medíocres e não me saía bem em provas. Candidatei-me à UCLA (Universidade da Califórnia em Los Angeles) e fui rejeitado, o que não me pareceu importante — meu pai me garantiu: “Alguém com sua experiência de vida não precisa de faculdade.” Eu não tinha nenhuma, só um pai com uma nova família e que não

queria pagar as mensalidades. No entanto, ele me arranhou um emprego como instalador de móveis. O trabalho pagava entre US\$15 e US\$18 a hora, o que parecia muito dinheiro. Eu poderia comprar um carro, meu único objetivo na época.

No último ano do colégio, após a aula, íamos à Westwood Village tomar sorvete. Meus amigos furtavam lojas. Eu ia para casa quando eles começavam a enfiar camisetas do Peter Frampton nas calças — não por ser mais ético, mas porque minha mãe solteira não aguentaria uma ligação da Polícia de Los Angeles solicitando que ela me buscasse. Voltando de Westwood Village, atravessei a Hilgard Avenue, onde as repúblicas da UCLA se enfileiravam pela rua. Era a semana de volta às aulas, e havia milhares de garotas em frente a suas casas cantando, o que parecia uma mistura de um quadro de Norman Rockwell e um filme da madrugada do Cinemax.

Naquele momento decidi que precisava ir para a faculdade, e fui para casa escrever outra carta para a coordenadoria de processos seletivos da UCLA. Disse-lhes a verdade: “Sou natural da Califórnia, criado por uma mãe solteira imigrante que é secretária, e se não me deixarem entrar, instalarei móveis pelo resto da vida.” Fui aceito nove dias antes de as aulas começarem. Minha mãe disse que, como a primeira pessoa da família a entrar na faculdade, eu agora podia “fazer qualquer coisa”.

Como minhas opções eram infinitas, dediquei-me a passar os cinco anos seguintes fumando quantidades absurdas de maconha, praticando esportes e assistindo à trilogia de O Planeta dos Macacos dezenas de vezes, parando essa rotina apenas para ter relações sexuais casuais. Exceto pelo último aspecto, eu era extremamente bem-sucedido.

No último ano, a maioria dos meus amigos começava a tomar jeito, concentrando-se nas notas, na pós-graduação ou em conseguir um emprego. Como nenhuma boa ação fica sem punição, retribuí a generosidade dos contribuintes da Califórnia e a visão dos diretores da UCLA com uma média de 2.27. Precisei de um quinto ano na universidade, já que reprovei em sete matérias e não tinha créditos suficientes para me formar. Novamente, não importava, já que havia mais maconha e filmes de ficção científica a serem consumidos, e não havia nada atraente esperando por mim no mundo real.

Em meu último ano, tive um colega de quarto muito ambicioso que me despertou um estranho senso de competitividade. Ele tinha obsessão em ser banqueiro de investimentos. Não sabia o que era, mas, se Gary queria fazer aquilo, eu também faria. Fui bem nas entrevistas, menti sobre minhas notas e garanti um emprego como analista no Morgan Stanley. Ajudou o fato de que, como eu, o chefe do grupo

tinha feito parte do time de remo na faculdade e decidira que todos os remadores estavam destinados a serem ótimos banqueiros de investimentos.

Após um período inexpressivo na profissão, decidi me candidatar à faculdade de administração, já que não tinha ideia do que queria fazer e era para onde minha namorada e melhor amigo estavam indo. O estado da Califórnia apostou novamente em mim e fui aceito na Haas School of Business da Berkeley. Durante meu segundo ano fui inspirado pelo professor David Aaker, que lecionava estratégia de marcas. Enquanto ainda estava na faculdade, fundei uma empresa de estratégia, a Prophet. A empresa teve bons resultados e acabou sendo vendida para a Dentsu. Em 1997, decidimos incubar diversas empresas de e-commerce no porão do escritório da Prophet, já que era isso que um MBA de cabeça raspada fazia nos anos 1990 em São Francisco. Resumindo, eu estava começando a encontrar meu caminho com a força do poder de processamento e da internet a meu favor.

Uma das empresas, a Red Envelope, foi envolvida pela prosperidade da época, culminando em uma IPO na NASDAQ — a única IPO de varejo de 2002. Agraciado com uma sorte incrível, uma ótima sócia (minha esposa) e o reconhecimento de ter nascido na era mais próspera da histó-

ria, decidi que em vez de me contentar com minhas bênçãos, eu queria mais. Mais, caramba. Não sabia bem o que “mais” significava... então, optei por “diferente”. Renunciei ao meu cargo no conselho da Red Envelope, pedi o divórcio à minha esposa, mudei-me para Nova York e entrei para o corpo docente da Stern School of Business da NYU. (Meu diagnóstico correto aos 30 anos era “deficiência de caráter”.)

Em 2010, enquanto docente na Stern, publiquei um trabalho de pesquisa classificando marcas de luxo com base em sua competência digital. Muitas das empresas que pesquisei me procuraram, e, reconhecendo uma oportunidade comercial, fundei a empresa de inteligência empresarial L2. Hoje ela trabalha com um terço das cem maiores empresas de consumo do mundo. Em 2017, a L2 foi comprada pela Gartner, uma empresa de pesquisas de capital aberto (NASDAQ: IT).

No empreendedorismo, as altas são muito altas e as baixas, muito baixas. Luto contra uma depressão leve (principalmente raiva) e passo muito tempo pensando sobre como lidar com isso sem medicação ou terapia (nota: às vezes, é necessário recorrer a um ou ambos). Essa luta me levou a buscar conhecimento sobre como atingir não somente sucesso, mas felicidade. Compartilho minhas descobertas em

meu blog, *No Mercy/No Malice* [Sem Dó/Sem Maldade, em tradução livre], mas não de forma organizada. Este livro é uma tentativa de consertar isso.

Nas páginas a seguir, compartilharei o que observei como empreendedor em série, acadêmico, marido, pai, filho e norte-americano, com uma grande quantidade de pesquisas. É importante salientar que minhas ideias neste livro são observações, e não uma pesquisa acadêmica revisada ou um mapa desenhado por alguém que já percorreu o caminho.

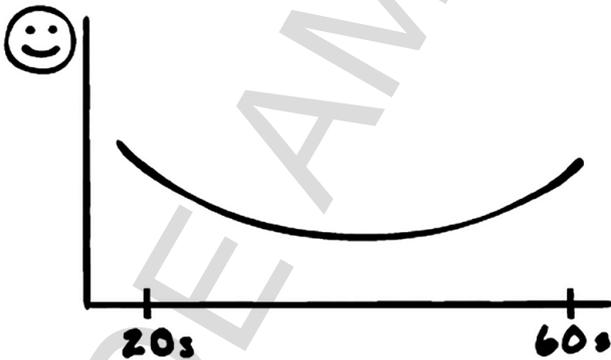
Dividi este livro em quatro seções. A primeira descreve as equações básicas que eu e meus alunos estudamos juntos todos os anos: se alguém fosse resumir a fórmula da felicidade a um número finito de equações, quais seriam? A segunda parte se aprofunda no que aprendi sobre sucesso, ambição, carreira e dinheiro em minha experiência como banqueiro de investimentos, empreendedor, professor de administração e voz sobre o impacto das grandes tecnologias de nossa economia e sociedade.

Os tópicos das seções um e dois são significativos. No entanto, o assunto em questão na seção três é profundo: amor e relacionamentos. Os jovens, especialmente homens, têm dificuldade em entender as mensagens contraditórias sobre como conciliar relacionamentos e sucesso para obter sentido

pessoal e profissional em nosso mundo capitalista. A quarta e última seção desafia o leitor a encarar a pessoa no espelho e enfrentar problemas que abrangem o cuidado e a nutrição do corpo, demônios internos e nossos últimos dias na Terra.

Receber conselhos de vida de um professor deprimido e louco pode não fazer sentido. Talvez. Mas fiz minha lição de casa e, pelas próximas 200 e poucas páginas, serei o *seu* professor maluco. Espero que estas observações sem dó/sem maldade sobre sucesso e amor o ajudem a obter uma vida mais recompensadora.

O Básico



Todos Conhecem Felicidade, Estresse e Tragédia

Seus anos de infância, adolescência e faculdade são compostos por Han Solo, cerveja, viagens de carro, sexo casual e autodescoberta. Mágica pura. Porém, dos 20 e poucos até os 40

e poucos, a coisa fica séria — trabalho, estresse e a percepção de que, apesar do que seus professores e sua mãe disseram, você provavelmente não será senador ou terá um perfume com seu nome. Conforme se envelhece, o estresse de construir uma vida que disseram que você merece, e é capaz de conquistar, se torna um fardo. Além disso, alguém que você ama fica doente e morre, e a dureza da vida se evidencia.

Então, aos 50 (antes, se for emotivo), você começa a perceber todas as maravilhosas bênçãos que estão em toda parte. Sim, em toda parte. Pessoas lindas que se parecem com você e têm seu cheiro (filhos). A água que se transforma em ondas que você pode surfar e outras maravilhas da natureza. A capacidade de oferecer algum tipo de esforço ou inteligência pelo qual as pessoas vão lhe pagar um valor, com o qual você pode sustentar sua família. A oportunidade de viajar pela superfície da atmosfera a uma velocidade próxima à do som para que possa ver as coisas incríveis que pessoas extraordinárias inventaram. E, quando acontece uma tragédia, muitas vezes ela é combatida por nossas melhores ideias: ciência. Você reconhece que seu tempo aqui é limitado, começa a sentir o perfume das rosas e a conceder a si mesmo a felicidade que merece.

Então, se na fase adulta descobrir que está estressado, até mesmo infeliz, às vezes, reconheça que isso faz parte da jornada e simplesmente siga em frente. A felicidade está à sua espera.



Trabalhe Enquanto É Jovem

Todos conhecemos alguém bem-sucedido, em forma, que toca em uma banda, é próximo dos pais, é voluntário em causas animais e tem um blog sobre comida. Suponha que você não seja essa pessoa. O equilíbrio ao desenvolver sua carreira, do meu ponto de vista, é um grande mito. O “struggle porn” [“pornografia do esforço”, em tradução livre] dirá que se deve ser infeliz antes de ser bem-sucedido. Isso não é verdade: é possível obter muitas recompensas ao longo do caminho para o sucesso. Mas, se o equilíbrio é sua prioridade na juventude, então é preciso aceitar que, a menos que você seja um gênio, pode ser que não atinja o nível mais alto da segurança econômica.

A subida da trajetória de sua carreira se inicia (injustamente) nos primeiros cinco anos após a graduação. Se quiser que a trajetória seja íngreme, precisará queimar muito combustível. O mundo não está à sua disposição, é preciso se esforçar. Faça muito esforço, muito mesmo.

Tenho muito equilíbrio hoje, consequência da falta dele nos meus 20 e 30 anos. Dos 22 aos 34, fora a faculdade de administração, lembro-me de pouca coisa além de trabalhar. O mundo não pertence aos grandes, mas aos rápidos. É preciso avançar mais e em menos tempo que seus concorrentes. Em parte, isso se baseia no talento, mas principalmente em estratégia e resistência. Minha falta de equilíbrio como um jovem profissional me custou meu casamento, meus cabelos e, definitivamente, meus 20 anos. Não existe manual de instruções, é uma troca. Minha falta de equilíbrio, apesar de posteriormente me garantir mais equilíbrio na vida, teve um custo muito alto.

$$\text{☹️} / \text{ESPN} = \text{😊}$$

Suor

A proporção de tempo que você passa suando e o quanto despende para ver os outros suarem é um indicador prospectivo do seu sucesso. Mostre-me uma pessoa que assiste à ESPN todas as noites, passa o domingo todo assistindo futebol e não se exercita, e lhe mostrarei um futuro de raiva e relacionamentos falidos. Mostre-me alguém que sua todos os dias e passa tanto tempo praticando esportes quanto passa assistindo-os na TV, e lhe mostrarei alguém que sabe lidar com a vida.